



A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DOS MONUMENTOS: UM DIÁLOGO PROMISSOR

KORNALEWSKI, Alex Medeiros

*Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestrando em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Alexmedeiros87@hotmail.com*

130

RESUMO

A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre os monumentos e como estes podem ter uma função pedagógica. Para tal, discorre-se sobre as bases conceituais dos monumentos e reflete sobre seus usos pedagógicos tomando como exemplo ilustrativo o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (monumento aos pracinhas) localizado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro e o monumento fúnebre de Ary Barroso localizado no cemitério São João Batista de Botafogo, Rio de Janeiro. Sendo assim, algumas questões de cunho pedagógico são discutidas, como a dinâmica interdisciplinar dos monumentos, as possibilidades e os desafios que – professores, alunos, bibliotecários ou mesmo o público em geral – podem vivenciar ao utilizarem dos monumentos, independente de sua constituição (pessoas, filmes, livros, estátuas, arquiteturas, músicas, línguas) para fins educacionais.

Palavras-chave: Memória. Educação. Monumento.

ABSTRACT

This Communication aims to reflect on the monuments and how they can be a pedagogical function. For this, it talks about the conceptual foundations of the monuments and reflect on their pedagogical uses taking as example the National Monument to the Dead of World War II (the meadow monument) located in Flamengo, Rio de Janeiro and the funeral monument of Ary Barroso located in São João Batista cemetery in Botafogo, Rio de Janeiro. Thus, some issues of educational profile are discussed, as interdisciplinary dynamics of monuments, the possibilities and challenges - teachers, students, librarians or even the general public - can experience the use of monuments, regardless of their constitution (people, movies, books, statues, architecture, music, languages) for educational purposes.

Key-words: Memory. Education. Monument.

1 Introdução

As relações, por vezes íntimas ou conflitantes, entre a memória e a história movem a sociedade numa constante política entre o que se deve lembrar e o que é alçado ao território obscuro do esquecimento. Neste embate, certas escolhas são elevadas e eleitas como um registro rígido e social do que deve ser aceito como verdade, em outras palavras, tomam o status de história. No meio destes conflitos temos a função do educador que, por intermédio de sua experiência e das ferramentas que lhes são apresentadas, fornece o embasamento cultural que carregamos e modificamos ao longo de nossas próprias vidas.



Pensando nas ferramentas materiais utilizadas pelo educador, temos variados suportes dentre os quais: livros didáticos, fotografias, áudio, filmes, mapas. Entretanto, pretende-se refletir sobre um suporte que estabelece uma relação ímpar com as questões da memória: os suportes qualificados como monumentos. Logo, é necessário pensar sobre a definição de monumento e suas implicações tomando como base conceitual os apontamentos fundamentais de Le Goff (2012), Assmann (2011) e Choay (2006).

Após prepararmos o chão discursivo sobre os monumentos, como eles atingem este valor ou status de monumental e como as escolhas do pesquisador os qualificam como monumento histórico cabe-nos pensar sobre a função pedagógica deste suporte mnêmico. Para tal, o presente trabalho exemplifica apresentando dois monumentos distintos em suas memórias e locais onde foram construídos: o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (monumento aos pracinhas) localizado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro e o monumento fúnebre de Ary Barroso localizado no cemitério São João Batista de Botafogo, Rio de Janeiro.

Os monumentos foram escolhidos a guisa de ilustração, atuando em conjunto com algumas recomendações teóricas que evocam a importância do diálogo entre o educador e o educado, além de incorporar o papel do bibliotecário que, ao atuar em equipe, fomenta o desenvolvimento pedagógico de todos, inclusive do próprio bibliotecário, graças ao seu olhar técnico quanto aos suportes utilizados em pesquisa. Em aditamento, discorre-se quanto ao aspecto interdisciplinar dos monumentos e dos usos que o mesmo propicia, fechando com algumas considerações sobre o uso pedagógico dos monumentos.

2 Memória: fonte primeva para o conhecimento

Longe de admitirmos uma conceituação majoritária para o campo da memória, propõe-se ao menos pensar sobre a memória em seu sentido de conservação, dentro do que suas limitações permitem, das informações e os usos que a mesma são constantemente administradas na esfera social. A memória em sua gênese remete “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2012, p. 405). No psiquismo, o homem pode apreender sua visão de mundo e moldá-la da forma como lhe convém.



A constituição da memória se dá pelos processos, por vezes conflitantes, entre lembranças e esquecimentos, resultando em escolhas do que se quer descartar e do que se almeja perpetuar. A memória sempre foi uma preocupação de ordem social, do qual podemos observar não só aquilo que é transmitido para as gerações vindouras, mas aquilo que é esquecido, silenciado, revelando a existência de mecanismos de manipulação da memória (LE GOFF, 2012, p. 408). Pode-se dizer, que estas memórias eleitas, manipuladas e registradas para fins específicos de informação para a sociedade, advém de escolhas, voluntárias ou involuntárias, o que demonstra uma característica política da memória.

Pierre Nora, em seu artigo *Entre memória e história: a problemática dos lugares* (1993) articula algumas considerações sobre esta relação que a memória estabelece com a história, relação tênue e de difícil consenso. Para ele, apesar da memória evocar o passado, ela se dá no presente inclusive abrindo diálogos constantes entre a lembrança e o esquecimento. Contudo, ele observa que a história é sempre uma reconstrução problemática e incompleta daquilo que não existe mais (NORA, 1993, p. 9). Ao contrário da história, a memória demonstra qualidades singulares como flexibilidade e dinamicidade, devido aos diversos usos que o homem faz da mesma.

Destes usos que a sociedade faz da memória, podemos citar a função pedagógica. Palavra de origem grega *paidos* (criança) + *gogía* (conduzir, acompanhar), referia-se aos escravos que levavam as crianças às escolas. Atualmente, o termo caracteriza o processo de instruir, ensinar, educar (MICHAELIS, 2014). Logo, a memória pode ser aplicada para evocar o passado, utilizando-o para fins pedagógicos: instruir as civilizações sobre os feitos memoráveis de seus reis; educar perante a normalização de costumes, utilizando suportes de escrita como as tabuletas de argila ou os códigos em vigor, ensinar aos alunos sobre as questões culturais de seu ambiente.

Alves (2012, p. 208) enfatiza: “a relação com o passado é um âmbito fundamental da ação educadora”. O uso pedagógico que o educador faz da memória lhe concede subsídios, ao fortificar seu discurso no ensino por intermédio da dinamicidade e flexibilidade da memória para, com base nas experiências de outrora, rever no presente o que será perpetuado para outras gerações. Avigoro que esta transmissão é dotada de uma intencionalidade, mesmo que involuntária, do sujeito que exerce esta função de educador e transmissor de experiências. Por vezes, esta dinamização da memória entre o que a detém (sujeito, classe, pesquisador, educador) e o que a ingere para finalidades futuras (filhos, alunos, gerações e afins), contribuem



para a construção e consolidação do “sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 204).

Perante o conceito de identidade, Huysen (2004, p. 67) reforça que a memória nos permite “construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro”. De acordo com as reflexões anteriores, temos na memória um importante viés com vistas à informação, pois é deste néctar mnemônico que tiramos proveito do que foi evocado no presente para constituir nossa identidade e propiciar ações para o futuro, o que nos faz pensar neste ato mnemônico como um processo atemporal. Diante desta *pedagogia da memória*, vale elencar um importante suporte mnêmico que possibilita o exercício desta função de instrução, educação e ensino: os monumentos, em seu sentido físico como as esculturas públicas alocadas no centro das cidades, cemitérios e demais lugares.

3 Monumentos ou monumentos históricos? Reflexões e aplicabilidade

A palavra latina *monumentum* origina-se do verbo *monere* que significa “fazer recordar”, palavra que abriga em sua origem os valores arquetípos da musa Mnemosyne, divindade mencionada como a personificação da memória. A noção de monumento é ampla, e abriga mais do que suas especializações físicas, como as obras comemorativas e os monumentos fúnebres, qualificações empregadas em arquiteturas, esculturas e túmulos desde a antiguidade romana. O termo monumento se aplica a inúmeros campos: pessoas, textos, músicas, língua, enfim, o caráter de monumento se aplica de acordo com os interesses de perpetuação daqueles que o elaboram, bem como das relações de poder que interagem na formação e constituição do monumento (LE GOFF, 2012).

Ao refletirmos sobre os monumentos do tipo físico, constata-se a existência de dois segmentos monumentais: as obras de cunho comemorativo, por exemplo, os monumentos para datas importantes, homenagens póstumas, evocações nacionalistas e os monumentos de cunho fúnebre, como é o caso dos túmulos, mausoléus e cenotáfios (LE GOFF, 2012). Entretanto, Aleida Assmann em seu livro *Espaços da recordação* (2011), desvela duas dimensões ativas na sociedade por intermédio deste suporte lúgubre de memória: a dimensão do sagrado ou *pietas*, onde impera as religiões e a dimensão mundana ou *fama*, onde impera a memoração de diversos segmentos tais como: o indivíduo, grupo ou classe. Destarte, “esta fama ou “memoração cheia de glórias”, cada um pode conquistar para si mesmo, em certa medida, no tempo de sua própria vida” (ASSMANN, 2011, p. 37).



Perante as observações acima, três características mostram-se insofismáveis: primeiro, há uma pluralidade de suportes materiais e imateriais que podem ser eleitos à categoria de monumentos; segundo, a construção de um monumento ou eleição de uma obra à categoria do monumental implica numa escolha política e, por último, os monumentos são oriundos da dimensão do sagrado ou mundano. Igualmente, os monumentos fúnebres ou comemorativos por serem categorizados como uma fonte tridimensional incrustada de símbolos icônicos nos incita a múltiplas discussões, pesquisas e aplicações de suas memórias, que são representadas num dado espaço e tempo para os que vivenciam (e vivenciarão) recordações familiares, históricas, religiosas de acordo com suas experiências, de forma que cada monumento, em consonância com as palavras de Dodebei (2008, p.19) é: “muito mais criativo do que objetivo, [pois] o espaço/tempo imagético é habitado-vivenciado por uma memória social dinâmica e interativa, experimentada em tempo real”.

Focando na terceira característica proposta acima, verifica-se uma particularidade informacional existente nos monumentos fúnebres. Na dimensão religiosa, temos a piedade vista como obrigação dos vivos em perpetuar a memória dos mortos, porém na dimensão mundana, a fama conquistada pelo morto pode compreender desde o período de sua vida até após a morte, evocando uma prática que Assmann (2011, p. 37) se refere como “uma forma secular da autoeternização, que tem muito a ver com autoencenação”. Portanto, ao analisar estas dimensões, verifica-se que os monumentos, e mesmo os de cunho fúnebre possuem uma particularidade: são feitos para os vivos. São monumentos erigidos com o propósito de perpetuar singularidades individuais e sociais para os vivos, e não apenas para salvaguardar uma lembrança das intempéries do esquecimento.

Podemos associar os segmentos no qual os monumentos são construídos com as dimensões que eles pretendem retratar. De um lado, temos os monumentos de cunho comemorativo associado frequentemente à dimensão mundana, haja vista que são suportes que rememoram em sua maioria, as glórias do homem. De outro lado, temos os monumentos de cunho fúnebre, que interagem, em sua maioria, com a ordem do sagrado, num campo em que as religiões se legitimaram com seus preceitos. Este diálogo entre o fúnebre e o sagrado ou comemoração e mundano são comuns, pois basta observarmos os inúmeros monumentos erigidos nas cidades ou acumulados nos cemitérios para constatarmos que os interesses ditos sagrados ou de origem mundana podem se apresentar tanto nos cemitérios quanto nas praças públicas ou no centro das capitais.



Em aditamento, se considerarmos o sentido etimológico da palavra monumento, depreende-se que esta separação proposta por Le Goff é meramente didática. A própria construção ou mesmo o simples interesse de erigir um monumento já envolve um discurso fúnebre, uma vez que o monumento ou os processos de monumentalização se destinam principalmente em manter presente, perpetuar a memória daquilo que padeceu, mesmo que de forma simbólica. Em resumo, os monumentos podem discorrer sobre a morte de forma explícita (monumentos fúnebres) ou implícita (comemorações e afins), como nos casos em que a retórica da perda é empregada para “salvaguardar” a memória e a identidade (GONÇALVES, 2002).

Outro diálogo pertinente é a distinção entre monumentos e monumentos históricos. Para (CHOAY, 2006, p. 26) os monumentos são o reviver de um passado, enquanto que os monumentos históricos são a apropriação que fazemos dele, tornando-os objetos de saber. Destarte, os monumentos históricos podem ser considerados aqueles escolhidos pelo historiador, pesquisador, ou seja, são os monumentos que além de perpetuarem memórias são também utilizados para fins específicos daqueles que os elegeram. Esta qualificação dada aos monumentos demonstra suas primeiras finalidades: seu valor cognitivo sobre o passado, história geral ou a história da arte em particular (CHOAY, 2006, p. 26).

Diante do exposto, é crível afirmar que os monumentos possuem uma amplitude de memórias que podem ser apreendidas por aqueles que delas necessitam, seja um indivíduo, grupo ou sociedade. Da mesma forma, a intenção com que escolhemos determinados monumentos para realçar e construir as memórias e a identidade de um determinado grupo podem imbuir o status de um monumento a dimensão histórica. Sendo assim, as memórias dispersas nos monumentos e os monumentos históricos eleitos assim por determinadas necessidades da sociedade são meios singulares de compreendermos a sociedade no presente e como esta pode fornecer informações para lidarmos com nosso futuro, tal como Huyssen (2004, p. 67) enfatiza.

Alves (2012, p. 209) reforça que: “da mesma forma como prédios, monumentos, documentos sobrevivem e permanecem guardados por longos períodos, também concepções, práticas, valores, preconceitos atravessam os tempos e se manifestam no presente, parecendo por vezes intactos”. Tomando esta citação como início investigativo da função pedagógica dos monumentos, é mister levantarmos algumas questões: como pesquisador, educador ou mesmo alunos podem se portar quanto ao uso dos monumentos no currículo disciplinar? Como aproveitar os monumentos para despertar um olhar crítico e reflexivo sobre as diversas



memórias que nos cercam e a história que delas se apropria? As práticas e valores perpetuados em consonância com os diversos monumentos que impregnam a cidade podem ser fonte de pesquisa.

4 A função pedagógica dos monumentos

Os monumentos em suas variadas formas são suportes de memórias no plural da palavra. As músicas, esculturas, arquiteturas e afins fomentam um turbilhão de memórias sobre quem fez a obra, para quem foi feito, e como a sociedade enxerga determinada construção, o que reforça a riqueza destes instrumentos que podem nos auxiliar a entender um pouco do nosso passado, da nossa história, além de propiciar reflexões por parte dos usuários que deles utilizem: alunos, professores ou pesquisadores em geral. Para ilustrar esta característica pedagógica dos monumentos, podemos exemplificar com o monumento dedicado aos mortos da Segunda Guerra Mundial ou Monumento aos Pracinhas como eram chamados os soldados que lutaram nos campos da Europa (fig. 1).

Figura 1 – Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.



Fonte: <http://www.museusdoriorio.com.br>
Acesso em: 19/04/2014



O monumento representa os soldados mortos na Segunda Guerra Mundial, homenageando-os como patriotas que serviram ao país nos campos de guerra. Em aditamento, inúmeros signos são apresentados nos monumentos: tem-se a escultura de um grupo composto por três soldados que representam os três poderes militares; uma escultura metálica que representa a engenharia aérea militar; uma pirâmide triangular com informações sobre inauguração, comissão e equipe responsável pelo projeto; embaixo do pórtico monumental há uma urna representando a memória do soldado desconhecido e para finalizar embaixo da plataforma monumental foi construído um mausoléu com 466 militares mortos na Campanha da Itália (MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2014).

Mais do que um suporte de memórias, o monumento em questão foi construído com base nas escolhas políticas de um corpo militar, representando um evento que envolve o país, os soldados (seja os mortos ou os sobreviventes), suas famílias (ator indireto do evento, porém carregado de memórias sobre o mesmo), a instituição militar (Marinha, Exército e Aeronáutica), o Estado. Diante desta função mnésica (obrigação primeva) dos monumentos, podemos atribuir sua segunda função: a pedagógica.

Em exemplo, o educador pode utilizar-se dos monumentos nas pesquisas escolares de forma a instruir, ensinar, educar e, por conseguinte, estimular o processo reflexivo dos alunos, motivando pesquisas de cunho histórico, político, sociológico, psicológico em diante. O uso pedagógico dos monumentos em consonância com o processo de “escavar a memória”, para entendermos o presente e adquirirmos uma visão crível do futuro, nos permite uma expertise singular e dinâmica quanto às memórias e o registro histórico representado na iconografia dos monumentos, o que realça a qualidade pedagógica do mesmo além de legitimar seu status de prova histórica constituindo-se como um monumento-documento (LE GOFF, 2012).

Figura 2 – monumento a Ary Barroso.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2014

Outro monumento de visível riqueza mnemônica e informativa é o monumento dedicado ao compositor Ary Barroso (fig. 2). Nasceu em 7 de Novembro de 1903 em Ubá, Minas Gerais e faleceu em 9 de Fevereiro de 1964 no Rio de Janeiro. Compositor, pianista, locutor, apresentador, formado em direito, iniciou suas atividades musicais aos 12 anos de idade, fazendo fundo musical para filmes no Cinema Ideal. Entrou na política em 1946 como o segundo candidato mais votado da União Democrática Nacional (UDN) nas eleições para a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Na política, teve grande voz possibilitando a construção do estádio do Maracanã. Compôs e participou de mais de 260 músicas dentre as quais podemos citar a popular “Aquarela do Brasil” (ARYBARROSO.COM.BR, 2014).

Este monumento fúnebre retrata apenas a relação de Ary Barroso com a música, conforme vemos nos símbolos icônicos e textuais do suporte: o pandeiro, nome de algumas composições. Se tomarmos o monumento como base inicial das pesquisas, pode-se depreender que as memórias de Ary Barroso contemplam o samba, sua relação sentimental com a música e com a identidade musical brasileira. Diante dessas “memórias superficiais” ou de fácil lembrança que obtemos ao perscrutar o monumento fúnebre do compositor, temos um campo extenso de estudo no qual o compositor, a música e a cultura brasileira podem nos levar a outros campos de estudo e atuação daquele que em vida teve ampla participação em outros setores dentre os quais o cinema e a política. O uso pedagógico dos monumentos pode nos levar além do que suas composições físicas representam.



Focando nestes dois monumentos, temos as seguintes características: são monumentos que se constituem num suporte tridimensional, em sua composição há símbolos icônicos e são suportes que constroem uma memória isenta de inocuidade, pois estes monumentos resultam de uma montagem daqueles que os produziram, que impuseram determinadas lembranças em detrimento de outras que foram forçadas ao esquecimento além das imposições sociais no qual estes monumentos continuam a existir (GONDAR, 2005, p. 17). Assim, todo monumento construído remete a determinadas intenções políticas do que deve ser evocado com o intuito de ser rememorado ou registrado pela história.

Se os monumentos podem ser vistos como repositórios de memórias e bons instrumentos de pesquisa histórica, biográfica, política e demais usos que advém das necessidades do pesquisador, é importante entendermos o conceito de informação, visto como a apropriação contextualizada que fazemos dos monumentos para fins objetivos. Segundo Varela (2007, p. 44) a informação “existe onde existe cultura e é por meio do esforço humano de entender e interpretar a realidade, de comunicar a imagem que cada indivíduo faz do seu meio, que a informação é gerada”. Ou seja, depende da nossa capacidade de interpretar a realidade, a imagem – neste caso exemplificado pelos monumentos - para que a informação seja gerada, disseminada, o que denota uma construção social (VARELA, 2007).

Assim sendo, para que os monumentos sejam utilizados de forma pedagógica, é crucial que os atores (pesquisador, alunos, professores) estabeleçam constantes diálogos sobre o que se pretende trabalhar, demonstrando clareza didática por parte do uso que pretende ser feito ao colocar os monumentos como meio educativo, somado com uma proposta crítica-reflexiva por parte dos alunos e demais receptores que usufruem dos monumentos para seus respectivos estudos. Esta clareza e envolvimento entre professor e aluno é uma proposta que tem como base a dificuldade de estabelecermos uma metodologia de ensino interdisciplinar tal como (SILVA, 2011) relata em suas experiências.

No que diz respeito aos docentes, uma proposta interdisciplinar, e neste caso utilizando-se de um recurso interdisciplinar como os monumentos, para desenvolver um trabalho com os alunos, pode acarretar numa incompreensão de como proceder com o ensino, dificuldade esta que é uma marca positivista e conservadora da ciência (SILVA, 2001, p. 588). Dito de outra forma, uma metodologia que se apropria dos monumentos (tomando como exemplo os monumentos públicos citados) para fins pedagógicos, implica em dificuldades devido aos múltiplos vieses que se podem abordar estes monumentos: o viés histórico, político,



geográfico, psicológico, sociológico. Enfim, o excesso de memórias (HUYSSSEN, 2004) somada com as possibilidades informacionais (VARELA, 2007) fornecem um espaço muito grande de trabalho, conduzindo mesmo que indiretamente o docente a atuar de forma sólida na sua zona de conforto.

Quanto aos discentes, as possibilidades diferenciadas de didática aplicada pelos professores, mesmo quando injetam motivação nos alunos que enveredam em estudos e criam pesquisas mais dinâmicas, no que diz respeito aos recursos a sua disposição, podem provocar estranhamento e resistência por estes alunos, uma vez que a ausência de clareza na proposta das disciplinas e as dificuldades de utilizar os recursos considerados polissêmicos, interdisciplinares como as esculturas monumentais apresentadas, fotografias e demais suportes, detém uma complexidade singular se comparado com os métodos tradicionais de ensino (SILVA, 2011, p. 596).

Este entrosamento entre docente, discente ou pesquisador e orientador, enfim esta relação de aprendizado deve considerar o diálogo antes de adentrarem juntos nos recursos interdisciplinares e seus recursos, seja monumentos em esculturas, livros, músicas e afins. Muitas das vezes uma terceira visão é benéfica para tornar esta relação de aprendizagem mais eficiente. Aqui podemos sugerir o profissional que trabalha direto com acervos compostos por inúmeros suportes ou pesquisas por vezes bem complexas: o profissional bibliotecário. As memórias impregnadas nos monumentos e os diversos usos que podemos fazer deles reforça o quanto este terreno vasto, interdisciplinar e complexo podem conviver com o educador e o quanto este precisa de um roteiro para seguir com o ensino que tem por base a memória (ALVES, 2012, p. 209-210).

Sendo assim, o bibliotecário que conhece o potencial dos suportes no qual cotidianamente trabalha por intermédio dos processos de catalogação, classificação, indexação, resumos e demais atividades junto dos conhecimentos sobre o campo da memória social, podem ser grandes consultores na elaboração e organização de disciplinas que contemplem o uso de suportes e metodologias de pesquisa interdisciplinares ou que pelo menos abordam a memória como propulsora de várias questões científicas. Em exemplo, uma instituição que honra o diálogo entre o professor, aluno e o bibliotecário no desenvolvimento das atividades pedagógicas, obtém eficiência e rapidez nos processos de ensino e uso das ferramentas de pesquisa.



Este diálogo provoca novos olhares quanto ao mundo que nos cerca. Os monumentos citados podem ser vistos como potenciais informativos quanto as questões políticas e históricas do país e não somente como um monumento que evoca a memória dos mortos da Segunda Guerra Mundial ou que homenageia um compositor como Ary Barroso. Os monumentos podem ser aproveitados de um modo mais crítico, criativo, possibilitando indagações e respostas quanto a questões mais profundas da história como: quem lutou pela recuperação dos corpos na Campanha da Itália para trazê-los ao atual monumento dedicado aos “pracinhas”, investigar os artistas que planejaram o monumento e quais as escolhas que motivaram a construção do monumento tal como ele se apresenta, a participação política de Ary Barroso, os conflitos que o compositor enfrentou na política, com quem e o que motivou suas decisões em vida. Em resumo, os monumentos podem ser utilizados em múltiplas pesquisas e por diversos olhares.

A competência informacional (DUDZIAK, 2003) do bibliotecário agrega no que diz respeito a saber utilizar das ferramentas e mais do que isso, saber ensinar terceiros a usar estas ferramentas de forma independente. O bibliotecário que indaga, pensa, critica e se posiciona quanto ao tratamento técnico e o uso dos suportes: livro, CD's, e-books, fotografias e os itens que alcançam o status de monumental, passa a agir como um facilitador do ensino pois além da formação profissional que o instrui em como trabalhar com estas ferramentas, o mesmo pratica a política de “ensinar a aprender”, participando dos processos de ensino da instituição, criando projetos e passeios escolares junto de professores a monumentos ou monumentos históricos, permitindo-nos treinar nosso olhar sobre o passado e como este atua no presente, por intermédio de aspectos, resistências e tradições que passam a nos fazer sentido (ALVES, 2012, p. 210).

5 Considerações

Após o breve caminho apresentado no presente trabalho, podemos apresentar algumas considerações que, antes de concluir o pensamento sobre o uso pedagógico dos monumentos, vem na verdade trazer mais indagações futuras. Algumas dificuldades foram apresentadas como a complexidade de se trabalhar com suportes que lidam de forma muito densa com as questões da memória, tal como as explicações sobre as esculturas que se qualificam como monumentos, devido a sua dinamicidade e os múltiplos olhares que podemos depreender destes suportes.



As áreas do conhecimento (Historia, Memória Social, Política, Psicologia e afins) que podem ser observadas e discutidas utilizando-se dos monumentos como base nos estudos, implicam numa pedagogia interdisciplinar e assim vislumbram-se mais duas dificuldades: em primeiro lugar, o modo como os docentes se utilizam destas ferramentas. Neste caso, a revisão das metodologias aplicadas no ensino são vitais para que outros suportes não convencionais e singulares possam ser utilizados em complemento com os recursos já disponíveis. Em aditamento, a visão de mundo e o olhar técnico do docente quanto a gama de pesquisas no qual os monumentos abrem portas são grandes facilitadores para que novas perspectivas pedagógicas possam ser aplicadas.

Em segundo lugar, os discentes ou mesmo o público em geral pode passar por dificuldades e estranhamento ao tentar se apropriar destes suportes para fins próprios de pesquisa. Neste caso, não só o docente como o profissional bibliotecário podem ser imbuídos de uma função mediadora, ajudando no desenvolvimento de pesquisas ou mesmo no caminhar deste público para o desenvolvimento de sua própria competência informacional, fazendo com que cada uma das pessoas adquira independência ao pesquisar. Logo, os docentes e bibliotecários desenvolvem suas funções de instrutor, orientador, educador e pesquisador.

Destarte, os monumentos estão presentes em diversos formatos e são suportes de memórias que nos foram legados pelas gerações de outrora. Cabe-nos tirar proveito desta fonte rica de experiências e passíveis de se transformarem em informações cruciais no presente. As atividades de pesquisa bem como os processos operacionais, como exemplo, catalogar, classificar e indexar são fundamentais para uma perspectiva que envolve uma revolução no uso destes suportes além de contribuir para a evocação e construção da memória social.

Referências

ALVES, Claudia. O educador e sua relação com o passado. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 205-215, set. 2012.

BARROSO, Ary. AryBarroso [página eletrônica]. Disponível em:
<http://arybarroso.com.br/index.php?language=pt_BR>. Acesso em: 24 jun. 2014.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Unicamp, 2011.



CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2006.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Josaida de Oliveira; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos (Org.). **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005. P. 43-54.

DODZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

GONDAR, Josaida de Oliveira. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Josaida de Oliveira; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos (Org.). **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005. P. 11-26.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2012.

MICHAELIS. **Moderno dicionário de português online**. São Paulo: Melhoramentos, 2014. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pedagogia>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. MNMSGM [página eletrônica]. Rio de Janeiro, 1960. Disponível em: <<http://www.mnmsgm.ensino.eb.br/MNMSGM.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Wagner Rodrigues. Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n. 143, p. 582-605, mai./ago. 2011.

VARELA, Aina. **Informação e construção da cidadania**. Brasília: Thesaurus, 2007.